

## NIETZSCHE: CRÍTICA AO ESTADO MODERNO PARA A DEMOCRACIA DO PORVIR

### NIETZSCHE: MODERN STATE CRITICISM FOR THE DEMOCRACY OF THE FUTURE

João Pedro Andrade de Campos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho discutiremos a crítica de Nietzsche ao Estado Moderno, isto é, nesta perspectiva, acreditamos que a crítica nietzscheana ao estado moderno é, além de uma discordância com os ditames da democracia moderna, uma via para ultrapassamento da/e através da mesma. Assim, iremos expor algumas questões centrais, a saber: (i) o percurso genealógico desenvolvido por Nietzsche e sua distinção do que foi elaborado pelos *psicólogos ingleses*, na tentativa de encontrar as origens da moral; (ii) o alinhamento proposto por Nietzsche que relaciona os valores judaico-cristãos com a fundação do Estado moderno e seu conseqüente *apequenamento* da vida; (iii) a consonância entre cultura e democracia do porvir. Para tanto, nosso trabalho terá como principal suporte as seguintes obras de Nietzsche: *Genealogia da Moral, Humano, demasiado humano* (Vol. I e Vol. II) e *Aurora*.

**Palavras-chave:** Moral, Política, Cultura, Democracia do porvir.

**ABSTRACT:** In this work we will discuss Nietzsche's criticism of the Modern State, that is, in this perspective, we believe that Nietzsche's critique of the modern state is, in addition to a disagreement with the dictates of modern democracy, a way to overcome it. Thus, we will present some central questions, namely: (i) the genealogical course developed by Nietzsche and his distinction of what was elaborated by the English psychologists, in the attempt to find the origins of the moral; (ii) the alignment proposed by Nietzsche that relates Judeo-Christian values to the foundation of the modern state and its consequent lack of life; (iii) the consonance between culture and democracy of the future. For this, our work will have as main support the following works of Nietzsche: *Genealogy of Morals, Human, too human* (Vol I and Vol II) and *Aurora*.

**Keywords:** Moral, Politics, Culture, Democracy of the future.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900)<sup>2</sup> se desvencilha do que comumente nos deparamos no bojo da tradição filosófica. Primeiro, por causa de seu estilo de escrita

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3093865753837164>. E-mail: jp.andrade.campos@gmail.com

<sup>2</sup> Neste trabalho iremos utilizar a convenção de abreviações das obras de Nietzsche, que podem ser conferidas em <<http://www.scielo.br/revistas/cniet/pinstruc.htm>>.

aforismático (que foge à regra dos *tratados filosóficos*) e, segundo, por seu olhar ácido em relação às verdades tidas como últimas e universais, principalmente àquelas decorrentes da moral judaico-cristã, assim como do Estado moderno.

A desconfiança, ou ainda, o *mal estar moral* que inquietava o pensamento de Nietzsche, foi um dos fios condutores de sua vida e de sua obra. Desde a juventude – como é relatado pelo próprio autor no prólogo de *Genealogia da Moral: uma polêmica* – o tema da *origem do bem o do mal* o desassossegava<sup>3</sup>. Por um lado, se tínhamos um jovem Nietzsche iniciando seus primeiros exercícios filosóficos, por outro, tínhamos com seu amadurecimento intelectual, o embrião de algumas de suas questões que, paulatinamente, ganharam envergadura ao longo de suas investigações:

(...) sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indício de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?<sup>4</sup>.

Na tentativa de responder às perguntas expostas acima, Nietzsche desenvolve *seu método genealógico*. Recorrendo ao teor etimológico do que foi designado como “bom” e “ruim”, “bom” e mau”, o pensador quer asseverar as transformações conceituais – e de perspectivas – que tais termos sofreram ao longo da história. Todavia, o caminho traçado por Nietzsche não se resume a uma mera reconstrução histórica dos valores morais em pauta, e de seus desdobramentos. Mais que isso, o pensador alemão quer discorrer sobre os *sentidos* empregados à tais valores mencionados, demonstrando, portanto, que estes não são permanentes, mas são, a rigor, apenas interpretações possíveis dentro do âmbito da moralidade. Assim, o olhar retrospectivo de Nietzsche não é mera investigação histórica, pelo contrário, sua perspectiva tem por foco expor “a gênese de determinado fenômeno e mostrar que este não tem uma origem transcendente”, como ressalta Diego Paredes Goicochea<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> NIETZSCHE, GM, Pr, 3. “De fato, já quando era um garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do bem e do mal: a ele dediquei numa idade em que se tem ‘o coração dividido entre brinquedos e Deus’, a minha primeira brincadeira literária, meu primeiro exercício filosófico – quanto à ‘solução’ que encontrei, então, bem, rendi homenagem a Deus, como é justo, fazendo-o *Pai* do mal”.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, GM, Pr, 3.

<sup>5</sup> “Una vez que se expone la génesis de determinado fenómeno y se muestra que este no tiene un origen transcendente, se hace visible que tal fenómeno no es inmutable ni eterno y que puede ser modificado e incluso superado”. [Uma vez que se expõe a gênese de determinado fenômeno e se mostra que este não tem uma origem

Neste sentido, iremos explicitar, na primeira parte de nosso trabalho, o teor interpelativo da *genealogia* nietzscheniana. Com isso, esperamos mostrar que a função de tal empreendimento foi o de apontar a fluidez dos valores morais. Dito de outro modo, nosso objetivo é, primeiro, destacar que os valores morais são *uma* interpretação possível, de tal maneira que não devem ser entendidos como verdades últimas e fixas, pois, são questionáveis e até mesmo oscilantes. Ademais, também permeia nosso ideário relacionar os valores judaico-cristãos e a democracia moderna, tomando tais valores como as fundações morais do governo democrático e, neste sentido, por conseguinte, explicitar que, assim como os valores morais são discutíveis e assumem um caráter interpretativo da vida moral, a democracia também se faz de maneira semelhante por tê-los – os valores judaico-cristãos – em sua base constitutiva.

Em um segundo momento, iremos discorrer sobre o papel *apequenador* da política moderna. Isto é, iremos tratar, de acordo com Nietzsche, da forma pela qual o Estado moderno limita as capacidades humanas ao primar pela homogeneização e, assim, promove um “nivelamento por baixo” dos indivíduos. Por fim, nosso terceiro ponto encaminha em direção à nossa hipótese de que Nietzsche nos oferece elementos para conjugar sua concepção de *democracia do porvir* com um desenvolvimento cultural do homem, sendo assim, o papel contrário do que é vivenciado no seio da democracia moderna. Para isso, nosso trabalho trata, essencialmente, de quatro obras, a saber: *Genealogia da Moral: uma polêmica* (GM), *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres* (HDH), *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres, volume II* (HDHII) e *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais* (A).

## 2. GENEALOGIA: MORAL E POLÍTICA

O recurso empregado por Nietzsche para perscrutar às origens dos valores morais, isto é, o processo genealógico, não foi criação sua. Entretanto, a genealogia que o autor coloca à

---

transcendente, se torna visível que tal fenômeno não é imutável nem eterno e que pode ser modificado e inclusive superado.] Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009a, p.56.

disposição de seu trabalho investigativo apresenta algumas especificidades em detrimento da que outrora foi aplicada pelos *psicólogos ingleses*<sup>6</sup>.

Nietzsche sustenta que o erro dos *psicólogos ingleses* está centrado em sua tentativa de buscar a origem dos valores morais considerando, para isso, nada mais do que seu teor de *utilidade*. Desta forma, as ações úteis foram consideradas “boas”. Em outras palavras, a teoria que subjaz a investigação dos *psicólogos ingleses* é a de que o juízo de “bom” remete àquelas ações perpetradas na história que foram louvadas e passaram, habitualmente, a serem consideradas boas. Para Nietzsche, então:

(...) essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito ‘bom’ no lugar errado: o juízo ‘bom’ *não* provém daqueles aos quais se fez o ‘bem’! Foram os ‘bons’ mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu<sup>7</sup>.

No trecho acima, o autor atribui a origem e a elaboração dos valores àqueles que são nobres, isto é, àqueles que são possuidores das condições tanto espirituais quanto hierárquicas para ditarem os valores “bons”. Todavia, Nietzsche não estipula que os nobres determinassem os valores, o “bom” e o “mau”; apenas assinala que originalmente, devido à organização social aristocrática, apenas eles tinham condições para tanto. Por outro lado, é ainda possível extrair da passagem supracitada, que diante da posição superior daqueles que podem ditar os valores, encontram-se os que possuem “pensamento baixo” e estão em posição distante da nobreza. Assim, nesta primeira perspectiva, “bom” e “ruim” não passam de uma relação entre condições políticas, sociais, etc. ou, para recorrermos ao vocabulário nietzscheano, de um *pathos da distância*:

Os “bons mesmos”, aqueles da casta mais elevada, que, por serem superiores, estabeleceram o que é bom e o que é ruim a partir dos seus atos, ou seja, o “bom” é aquilo que partia deles mesmos e o “ruim”, aquilo proveniente do povo baixo, da ralé, do plebeu. O *pathos* da nobreza e da distância, diz Nietzsche, é a verdadeira origem do “bom” e do “ruim”<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> “Él [Nietzsche] recuerda que la indagación genealógica no es invención suya, sino que tuvo sus precedentes em los psicólogos ingleses. Piensa claramente en las hipótesis a Herbert Spencer e incluso a David Hume”. [Ele recorda que a investigação genealógica não é invenção sua, sendo que tem seus precedentes nos psicólogos ingleses. Piensa claramente nas hipóteses de Herbert Spencer e inclusive de David Hume]. Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009<sup>a</sup>, p. 55.

<sup>7</sup> NIETZSCHE, GM, I, 2.

<sup>8</sup> MOREIRA, Antônio R. S. *Nietzsche: o Ressentimento e a transmutação escrava da moral*. 2010, p.189.

No decorrer da genealogia de Nietzsche<sup>9</sup>, podemos identificar que a contraposição “bom” e “ruim”, em um primeiro momento, não correspondia a outra coisa senão a uma relação de identificação e postura diante da vida. Isto é, os “bons” em diversas culturas antigas eram identificados como os guerreiros, dispostos ao combate, saudáveis, entre outros atributos que fazem referência à força e nobreza. Enquanto que o termo “ruim” remete, neste contexto, aos que, em relação aos nobres, eram “baixos”, “comuns” e não possuíam a disposição para a disputa<sup>10</sup>.

Todavia, de acordo com Nietzsche<sup>11</sup>, a denotação política que estaria atrelada aos nobres e “bons”, reflete também, uma constituição espiritual, o que possibilita o surgimento de uma aristocracia sacerdotal que assume, neste caso, uma posição privilegiada. Assim, nas palavras do autor, podemos evidenciar a perspectiva que as concepções de “bom” e “ruim” adquirem:

Precisamente o oposto do que sucede com o nobre, que primeiro e espontaneamente, de dentro de si, concebe a noção básica de ‘bom’, e a partir dela cria para si uma representação de ‘ruim’. Este ‘ruim’ de origem nobre e aquele ‘mau’ que vem do caldeirão do ódio insatisfeito – o primeiro uma criação posterior, secundária, complementar; o segundo, o original, o começo, o autêntico *feito* na concepção de uma moral escrava – como são diferentes as palavras ‘mau’ e ‘ruim’, ambas aparentemente opostas ao mesmo sentido de ‘bom’: perguntemo-nos *quem é* propriamente ‘mau’, no sentido da moral do ressentimento. A resposta, com todo o rigor: *precisamente* o ‘bom’ da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador, apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho de veneno do ressentimento<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Cabe lembrar – embora não seja nosso intento perfazer os pormenores desta trilha argumentativa – que uma das perguntas norteadoras da *genealogia* moral nietzscheana foi saber o “que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para ‘bom’ cunhadas pelas diversas línguas?”. Partindo disso, nosso autor recorre às transformações conceituais que os termos “bom” e “ruim” sofreram; o primeiro ligado a valores nobres e aristocráticos e o segundo, à “baixeza plebeia” (NIETZSCHE, GM, I, 4).

<sup>10</sup> Em Nietzsche, a noção de disputa remete ao sentido *agonístico*. Está noção está enraizada na disputa *saudável* e entre iguais nas sociedades clássicas, tendo como paradigma, a *polis* grega do período helênico. Assim, diz Barrenechea: (...) a idéia de *agon*, entendida como dinâmica de sociedade *saudável*, de confronto entre dos diversos cidadãos, aparece já nos primeiros escritos de Nietzsche. Ele considera a polis helênica o modelo de sociedade saudável, na qual a rivalidade, a disputa entre iguais – guerreiros, artistas, sofistas etc. – era um aspecto essencial da vida comunitária. Cf. BARRENECHEA, M. A. *A guerra e a ‘grande política’ na interpretação de Nietzsche*, 2008, p. 161.

<sup>11</sup> NIETZSCHE, GM, I, 6.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, GM, I, 11.

A casta nobre-sacerdotal passa, portanto, a primar por hábitos que englobam práticas de negação da ação<sup>13</sup>. Uma vez que esta moral não cria nada a partir de si e de um Sim, ela carece da ação do nobre, para que, então, “reaja” e *ressinta*, pelo viés de uma posição *espiritualmente baixa*. Tal postura assume a condição de juízo de valor, pois o que se torna “bom” é aquilo derivado de uma metafísica antissensualista, traduzindo, assim, valores outrora assertivos, em ideais ascéticos<sup>14</sup>. Neste sentido, embora o modo de valoração nobre-sacerdotal tenha derivado do modo cavalheiresco-aristocrático, ele adquire uma configuração nova, e até mesmo oposta, sedimentando um embate entre uma atitude aristocrática e outra sacerdotal.

Como vimos, Nietzsche apresenta com distinção a relação entre “moral nobre, aristocrática” e uma “moral baixa, plebeia”, isto, no entanto, não deve ser confundido simplesmente com uma hierarquização de posições sociais. Segundo Tongeren, tais afastamentos remetem, mais que à uma posição hierárquica, “mas na relação de tensão entre esse grupo superior [nobres] e outros” uma vez que “o nobre aristocrata busca e afirma o combate”<sup>15</sup>. Podemos, assim, dizer na companhia de Tongeren que, para além de castas, a moral nobre se revela no indivíduo nobre<sup>16</sup>.

Com este *background* em mente, evidencia-se uma radical inversão no que diz respeito à criação de valores, que se afasta da ativa moral nobre e repousa na moral plebeia. Para dizer em outros termos, há, aqui, uma *transvaloração* – que agora subverte a ordem de *força vital*, por uma de *debilidade vital*.

De acordo com Nietzsche, tais valores e hábitos são herdados pela tradição judaico-cristã, por serem, *par excellence*, um *povo sacerdotal*, em contraposição, por exemplo, aos

---

<sup>13</sup> Embora não esteja no escopo de nosso trabalho discorrer sobre a questão do *niilismo*, o utilizamos neste momento como algo próximo desta “negação da ação”. Contudo, podemos ver outras abordagens acerca deste aspecto, no texto de M. A. Rossi. *Nietzsche: esboços de um perspectivismo político*, que aprofunda a questão do *niilismo*. Nele, o autor destaca três faces do *niilismo*, a saber, (i) o *niilismo decadente*; (ii) o *niilismo integral* e (iii) o *niilismo futuro*, que resulta na abordagem em *perspectivas* acerca dos valores morais e políticos: “Um *niilismo* que nos insta constantemente a criar sentidos. Por tal razão, Nietzsche fala do artista ou da criança, que a partir da pura criação ou do jogo nos salva do abismo, ao mesmo tempo recordando-nos que todo sentido, interpretação ou comentário está determinado pela força da contingência e da fluidificação. Sem dúvida alguma, este é o aspecto mais democrático do olhar nietzschiano, independentemente de que nosso pensador seja um dos críticos mais acirrados deste regime de governo” ROSSI, M. A. *Nietzsche: esboços de um perspectivismo político* 2005, p.18.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, GM, I, 6.

<sup>15</sup> TONGEREN, Paul van. *A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre ‘Para além de bem e mal’*. 2012, p. 1992.

<sup>16</sup> TONGEREN, Paul van. *A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre ‘Para além de bem e mal’*. 2012, p. 193-194.

romanos – que na História formam um dos povos que encarnaram os atributos clássicos de nobres e fortes<sup>17</sup>. Destarte, a *vitória* da moral *baixa* no embate “Roma contra Judeia”, isto é, entre os modos nobre-aristocrático e sacerdotal, ecoa na História e sussurra seus ideais *doentios* e *venenosos* na modernidade. O que, na visão nietzscheana, se traduz na criação do Estado moderno, tendo como ponto culminante a Revolução Francesa:

Em um sentido até mais profundo e decisivo, a Judeia conquistou com a Revolução Francesa mais uma vitória sobre o ideal clássico: a última nobreza política que havia na Europa, a da França dos séculos XVII e XVIII, pereceu sob os instintos populares do ressentimento (...) mais uma vez, em face da velha senha mentirosa do ressentimento, a do *privilégio da maioria*, diante da vontade de rebaixamento, de aviltamento, de nivelamento, de atraso e ocaso do homem, ecoou forte, simples e insistente como nunca, a terrível e fascinante contrassenha do *privilégio dos raros*<sup>18</sup>.

Recuperando a crítica nitscheana ao movimento liberal da Revolução Francesa podemos identificar que ela incide, substancialmente, na suposta emancipação do indivíduo no contexto do Estado Moderno. Como podemos acompanhar nos dizeres de Ansell-Pearson o itinerário do pensamento de Nietzsche perpassa, de forma significativa, o compromisso com o cidadão, com a cultura e, portanto, se envereda pela direção oposta ao individualismo que costumeiramente é atribuído à ele<sup>19</sup>:

Um dos pontos que [Nietzsche] deseja ressaltar é que o estado secular moderno representa apenas a ‘liberação do particular’, não do ‘indivíduo’. Essa é uma observação significativa porque mostra como a opinião amplamente aceita sobre ele como extremo individualista, ou como existencialista preocupado apenas com a natureza de indivíduo assoial e isolado, é profundamente enganosa. Como revela essa observação, o compromisso de Nietzsche é com a cultura e o cidadão, não com o indivíduo particular e abstrato da democracia liberal moderna. (...) o pensamento político de Nietzsche caracterizado, do princípio ao fim, por um desejo de transcender a base atomística das sociedades modernas, seu individualismo estreito e ‘burguês’.

Nesta seção buscamos evidenciar o itinerário genealógico posto por Nietzsche. Fizemos, assim, um apanhado acerca das transformações que os termos “bom” e “ruim”, “bom” e “mau” sofreram na história e como isso se espelha na moral judaico-cristã. O recurso genealógico assumido por Nietzsche nos permite evidenciar as transformações destes termos, de tal forma que, como explicita Goicochea, estes *valores* devem ser tomados como

<sup>17</sup> NIETZSCHE, GM, I, 7-8-16.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, GM, I, 16.

<sup>19</sup> ANSELL-PEARSON, Keitih. *Nietzsche como pensador político – uma introdução* 1997, p. 102.

possibilidades: “(...) os valores morais não são dados a nós por natureza, mas são contingentes porque são apenas interpretações (...) a moralidade atual não é *a moral*, mas uma moral entre outras possíveis”<sup>20</sup>. Ademais, a “moral Judeia” de *nivelamento, rebaixamento, de atraso e o caso do homem*, fez corpo com movimentos políticos substanciais, como a Revolução Francesa<sup>21</sup>.

Os valores que formam e inauguram a democracia moderna estão calcados em atitudes que negam a expansão da vida. Neste sentido, iremos mostrar em nosso próximo tópico, a relação entre a negação da vida e a ideia moderna de Democracia. Assim, explicitaremos como, de acordo com Nietzsche, o ideal democrático cerceia o crescimento holístico da vida humana.

### 3. DEMOCRACIA E NEGAÇÃO DA VIDA

Nietzsche, no aforismo *A grande política e suas perdas*<sup>22</sup> expõe alguns dos pontos centrais de sua crítica aos Estados modernos e ao que, em sua época, foi chamado de “grande política”. Antes de explicitarmos as críticas contidas no referido aforismo, é necessário ter em mente que a compreensão de “grande política” na época de Nietzsche – em letras minúsculas e entre aspas, já que ela apequena e comprime –, diverge completamente de seu projeto futuro de *Grande política*<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> “(...) los valores morales no nos vienen dados por naturaleza, sino que son contingentes porque no son más que interpretaciones. Una vez que la genealogía devela que la moral actual no es la moral, sino una moral entre otras posibles, su universalidade, seguridade y permanencia es puesta en entredicho. Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009<sup>a</sup>, p. 57”.

<sup>21</sup> “Os princípios de *igualdade, liberdade, fraternidade*, exaltados pela Revolução Francesa e adotados pelas democracias modernas, seriam segundo Nietzsche, decorrentes do valor judaico-cristão da *compaixão*. Só um espírito compassivo, que se apieda dos outros, que tenta amenizar as fraquezas, negar as hierarquias e aplinar as diferenças postularia a igualdade por decreto. Nietzsche realiza um *diagnóstico* da modernidade política, interpretando-a como o domínio da *pequena política*, reino da mediocridade, dos *últimos homens*, sem força, sem paixões, sem potência”. Cf. BARRENECHEA, M. A. *A guerra e a ‘grande política’ na interpretação de Nietzsche*, 2008, p. 163.

<sup>22</sup> NIETZSCHE, HDH, 481.

<sup>23</sup> Em nosso texto utilizamos, por fins metodológicos, o termo *democracia do porvir* que alude ao conceito de Grande Política. Neste sentido, os dois termos possuem convergência e fazem oposição ao que era, no contexto de Nietzsche, compreendido por “grande política” e que o pensador denominou de “Pequena Política” – uma vez que comprimia as capacidades de desenvolvimento integral dos homens. Segundo Viesenteiner “a Grande Política é contradiscurso relativamente à modernidade político-moral e todo cortejo de radical homogeneização e apequenamento do homem que a acompanha. Ou seja, é contraposição precisamente à perspectiva da ‘pequena política’ que caracteriza esta modernidade político-moral”. Cf. VIESENTEINER, Jorge L. *A grande política em Nietzsche*. 2006, p. 15-16.

Nesse aforismo o autor endereça uma vigorosa crítica aos Estados belicistas e suas corridas expansionistas. É importante, para o autor, notar que “um povo não sofre as perdas maiores trazidas pela guerra e pelo estado de prontidão, com as despesas bélicas” (HDH, 481). Embora seja dispendiosa financeiramente, a perda maior é “com o fato de que ano a ano os homens mais capazes, mais vigorosos, mais trabalhadores são removidos em números extraordinários de suas ocupações e profissões, para se tornarem soldados” (HDH, 481). Nota-se que o centro nevrálgico da crítica de Nietzsche é o arrebatamento forçoso da vida de homens *capazes* e *vigorosos*, com a finalidade de servirem aos propósitos de *um* Estado. Ademais, reitera o pensador:

(...) as questões e os cuidados relativos ao bem público, diariamente renovados, consomem um tributo diário do capital de coração e mente de todo cidadão: a soma de todos esses sacrifícios e perdas de energia e trabalho individual é tão monstruosa que o *florescimento político* de um povo quase necessariamente *acarreta em um empobrecimento e debilitação espiritual, uma menor capacidade para obras que exigem grande concentração e exclusividade* (grifo nosso)<sup>24</sup>.

A crítica nietzscheana ao *florescimento político*, entendido pelos Estados modernos como “grande política” – isto é, de algo que diverge da noção de *Grande Política* -, em Nietzsche acarreta no *apequenamento* das condições espirituais dos homens. O pseudo-florescer que está em pauta mina e sacrifica “os rebentos mais nobres, delicados e espirituais”. Por esse prisma, a democracia atua como um agente que nega e obstrui as capacidades e possibilidades culturais dos homens, relegando a eles apenas tarefas que consomem diariamente sua força criativa, privando-os, assim, do *afastamento* e *exclusividade* de tempo para dedicarem-se a projetos outros. Por essa via, segundo Goicochea, “o ar democrático assumiu muito da era moderna, que faz a sua cultura, o seu mundo, a sua essência, num movimento hostil à vida”<sup>25</sup> assim, a democracia “deprecia a vida, reduz o seu valor, converte-o em uma vida em declínio, fraca, delicada e vulnerável. Em outras palavras, a democracia tem o efeito de desativar a força do crescimento na vida, de despoticizar suas perspectivas de expansão”.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> NIETZSCHE, HDH, 481.

<sup>25</sup> “[el aire democrático se ha apoderado a tal punto de la época moderna que convierte su cultura, su mundo, su esencia, en un movimiento hostil a la vida.] Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009a, p. 88”.

<sup>26</sup> “[empequeñece la vida, rebaja tu valor, la convierte en una vida declinante, débil, delicada y vulnerable. En otras palabras, la democracia tiene el efecto de desactivar la fuerza de crecimiento de la vida, de despoticizar su

Ainda neste percurso de crítica ao empobrecimento e limitação imposta pelos Estados democráticos, é preciso resgatar a influência da moral judaico-cristã que apontamos na seção anterior. Ora, como vimos, dada a *vitória* da moral sacerdotal que disciplina o homem e poda suas arestas, tudo aquilo de *feio* e *baixo* que eles consideram “mau”, foi também tomado como inimigo dos povos *modernos*. Nietzsche, por este viés, alerta sobre a *unilateralidade* e condicionamento do *demasiado humano*, expondo que, para um verdadeiro fortalecimento cultural da humanidade, faz-se necessário o cultivo holístico do *espírito*. Nos dizeres do autor:

Como complemento e remédio deve-se colocar sempre, junto ao culto do gênio e da força, culto da cultura: que sabe dar também ao que é material, pequeno, baixo, mal conhecido, fraco, imperfeito, unilateral, truncado, falso, aparente, sim, ao que é mau e terrível, uma avaliação compreensiva e o reconhecimento de que *tudo isso é necessário*; pois a harmonia e o desenvolvimento de tudo que é humano, alcançados mediante assombrosos trabalhos e acasos felizes, e obra tanto de ciclopes e formigas como de gênios, não devem ser perdidos: como poderíamos dispensar o comum, profundo, às vezes inquietante baixo contínuo, sem o qual a melodia não consegue ser melodia?<sup>27</sup>.

Tendo como principal sustentáculo os valores da moral judaico-cristã, a democracia moderna herda a imperativa *força* de negação da vida, que em outras palavras também pode ser compreendida como negação da cultura. Dito de outro modo, a moral basilar dos Estados modernos quer, pois, afastar do ambiente público o que eles, enquanto “vencedores”, entendem por *imperfeito*, impondo uma visão unilateral que torna o homem uma ferramenta do Estado e silencia a melodia do cultivo humano que só pode ser harmoniosa enquanto, em seu arranjo, aglutinar “afinados” e “desafinados”. Assim, o projeto nietzscheano de democracia do porvir entra em confronto com a pequenez e unilateralidade da moral da “grande política moderna”.

Vale ressaltar que a moral que trespassa o estado moderno, detém um teor absolutista. Neste sentido, acreditamos que Goicochea se posiciona de forma correta ao dizer que “o problema de uma moral absolutista é que estabelece precisamente os conceitos do que é em si mesmo bom ou mau, isto é, independentemente do contexto ou perspectiva”<sup>28</sup>. Ademais, uma

---

ampliación de perspectivas.] Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009a, p. 88”.

<sup>27</sup> NIETZSCHE, HDHII, *Opiniões e sentenças*, 186.

<sup>28</sup> “[el problema de una moral absolutista es que precisamente establece los conceptos de aquello que es en sí mismo bueno o malo, es decir, con independencia de todo contexto o perspectiva.] Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009a, p. 73”.

moral que se pretende absoluta e emprega valores universais, constringe e enquadra as possibilidades criativas e interpretativas da vida, por isso “é tão importante para Nietzsche, começar a mostrar, através da genealogia, os condicionamentos deste. Porque, como mencionado em vários de seus aforismos, 'não há fenômenos morais, mas apenas uma interpretação moral dos fenômenos'.”<sup>29</sup>.

Como vimos, a pauta da “grande política” moderna diverge da perspectiva nietzscheana por se tratar, em grande medida, de uma postura unilateral. O *cultivo* da moral moderna, restringe, na ótica de Nietzsche, o crescimento de homens vigorosos. Seguindo este caminho, veremos a seguir, como o pensador elabora a relação entre a cultura e *uma* Política que esteja preocupada com a promoção das potencialidades da vida dos homens.

#### 4. CULTURA E DEMOCRACIA DO POVIR

Falo da democracia como de algo ainda por vir. O que agora assim é chamado se distingue das formas de governo mais velhas apenas por andar com *cavalos novos*: as ruas são ainda as mesmas, e também as rodas. – O perigo realmente se tornou menor com *esses* veículos do bem-estar dos povos?<sup>30</sup>.

O excerto acima compõe o aforismo intitulado *Fins e meios da democracia*. Nestas linhas podemos ver a suspeita de Nietzsche em relação ao *moderno* Estado democrático. O autor questiona o suposto “bem-estar dos povos” e reforça nossa hipótese de que a democracia *verdadeira* que ele endossaria é, ainda, algo a ser construído.

Compreendemos que o Estado moderno<sup>31</sup>, de acordo com as indagações de Nietzsche, pode ser entendido em suas práticas com o que iremos chamar, aqui, de pluralismo adestrado,

<sup>29</sup> “[sea tan importante, para Nietzsche, empezar a mostrar, a través de la genealogía, los condicionamientos de esta. Porque, como lo menciona en varios de sus aforismo, 'no existen fenómenos morales, sino solo una interpretación moral de fenómenos'.] Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009a, p. 73”.

<sup>30</sup> NIETZSCHE, HDHII, *O Andarilho e sua sombra*, 293.

<sup>31</sup> O Estado moderno, sob o olhar de Nietzsche, possui três vertentes principais, a saber, o liberalismo, o socialismo e o anarquismo. Nietzsche aborda que o modelo socialista está envolto em uma postura despótica, uma vez que “ele deseja uma plenitude de poder estatal como até hoje somente o despotismo teve, e até mesmo supera o que houve no passado, por aspirar ao aniquilamento formal do indivíduo” (HDH, 473). Neste sentido, nosso autor quer alertar para a demasiada intervenção do Estado no que diria respeito aos desenvolvimentos individuais. Por outro lado, o *golpe* desferido aos liberais tem por característica principal a glorificação do trabalho, uma vez que “ele despende muita energia nervosa, subtraindo-a à reflexão, à ruminação, aos sonhos, às preocupações, ao amor, e ao ódio; ele coloca diante da vista um pequeno objetivo e garante satisfações regulares e fáceis” (A, 173).

isto é, um condicionamento social velado sob a suposta “pluralidade” das democracias e neste sentido, podemos dizer com Goicochea que “a democracia não é apenas uma forma decadente de governo, mas uma forma espiritual que bloqueia a temporalidade interpretativa de todos impulso vitais”<sup>32</sup>.

Os “adestramentos”<sup>33</sup> do Estado moderno, que atuam em diferentes frentes, por um lado, restringem e apequenam a pluralidade e diversidade individuais e, por outro, ensejam práticas laboriosas que minam os potenciais artísticos e criativos. Por essa via, podemos destacar que o terreno democrático não abre espaço para o cultivo e “florescimento” de novas concepções de vida que impulsionem os homens em uma multiplicidade de direções, em detrimento da *unilateralidade doentia* da modernidade, ora disciplinatória, ora mercantil. Levando os aspectos citados em consideração, quais as pistas deixadas por Nietzsche que contribuem para com a perspectiva de uma nova cultura democrática?

Responder à pergunta em pauta nos parece levar a dois caminhos concomitantes no pensamento nietzscheano, a saber, o de *recolhimento* ou *afastamento* da *política* e também, o da *disputa*, do *embate de consciências*. O palco destas *transvalorações* não é outro senão a própria decadência moderna, pois, “no leito de enfermo da política, geralmente um povo rejuvenesce e redescobre seu espírito, que ele havia gradualmente perdido ao buscar e assegurar o poder. A cultura deve suas mais altas conquistas aos tempos politicamente debilitados”<sup>34</sup>. Ademais, o cultivo e o florescimento vindouros quistos por Nietzsche perpassam por um conflito de ideais incessantes, nos quais as diversas *morais* e *políticas* são colocadas sob avaliações e reavaliações. Nas palavras do autor, se destaca a relevância da promoção deste embate:

Então acabou? O maior entre os conflitos de ideais foi então relegado *ad acta* [aos arquivos] por todos os tempos? Ou apenas adiado, indefinidamente adiado?... Não deveria o antigo fogo se reacender algum dia, ainda mais terrível, após um período

<sup>32</sup> “[la democracia no es solo una forma de gobierno decadente, sino una forma espiritual que bloquea la temporalidad interpretativa de todo impulso vital.] Cf. GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. 2009a, p. 90.”

<sup>33</sup> No que diz respeito ao *adestramento* socialista é importante, primeiro, salientar que Nietzsche teve leituras disponíveis apenas em relação ao chamado *socialismo utópico* e que portanto, suas críticas devem ser entendidas dentro de um quadro limitado e não se envereda, aqui, pela teoria de Marx. Cf. ROSSI, M. A. *Nietzsche: esboços de um perspectivismo político*. 2005, p. 26.

<sup>34</sup> NIETZSCHE, HDH, 465.

ainda mais longo de preparação? Mais: não seria isto algo a se esperar? mesmo a se querer? a se promover?...<sup>35</sup>.

O rejuvenescimento de um povo, como Nietzsche expõe, percorre a *podridão* e a *debilidade* nas quais eles estão inseridos. O autor ironiza as “grandes cidades da política mundial”, nas quais os homens estão impelidos pelo “dever” de se envolverem ativamente em todos os acontecimentos do Estado. Todavia, enquanto agem desenfreadamente e de forma homogênea, “criam”, quando muito, *poeira* e *ruído* – isto é, nada de substancial e fecundo. Há, portanto, a necessidade de “apreender a solidão”, de recolher-se e ruminar os acontecimentos e ideias para que, no *profundo silêncio*, seja possível “parir” algo novo e que não esteja viciado e direcionado a uma única perspectiva, como em uma construção ciclópica<sup>36</sup>.

O Estado moderno, que sob o estandarte *liberdade, igualdade e fraternidade* supôs o enriquecimento cultural e o desenvolvimento dos homens, não fez mais do que adestrar a população, condicionando-a em atividades impróprias para o florescimento do espírito, tais quais o “dever” belicista e o labor carente de significados para além dele próprio. Diante deste diagnóstico, Vanessa Lemm aborda que “somente a cultura tem o poder de abrir o ciclo econômico da civilização: a cultura supera uma forma de produção definida pela exploração e dominação.”<sup>37</sup>.

A cultura assume um lugar peculiar no pensamento nietzscheano. Como vimos, o estado moderno restringe as possibilidades criativas da vida, enquadrando-as em “pluralismos adestrados”, ou seja, relegando à elas a suposta *liberdade* criativa. Assim, ao falarmos acerca da *democracia do porvir* em Nietzsche, estamos discorrendo para além de uma *transvaloração* de valores morais, deste modo, tratamos de uma urgente efervescência cultural que, atuando como contradiscurso, não pode ser elaborada senão a partir do solo democrático.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, GM, I, 17.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, A, 177. Uma construção ciclópica é uma construção unilateral, uma vez que tem o olhar direcionado apenas a alguma coisa. A democracia, o Estado moderno, é mais uma vez retratado como uma fabricação e que, ao ser construído, cega seus próprios construtores com a *poeira* e o *pó* de suas fundações e de seus “muros e treliças” – pressupostos de segurança (HDHII, *O Andarilho e sua sombra*, 275).

<sup>37</sup> “[only culture has the power to break open the economic cycle of civilization: culture overcomes a form of production defined by exploitation and domination.] Cf. LEMM, Vanessa. *Nietzsche’s Animal Philosophy. Cultura, Politics, and the Animality of the Human Being* 2009b, p. 60”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche, como vimos ao decorrer de nosso texto, não se enquadra nas categorias convencionais do pensamento político ocidental. Nosso autor não poderia ser compreendido em termos *stricto sensu*<sup>38</sup>. Por esse motivo, a leitura das obras de Nietzsche, se tomadas não em conjunto, mas de forma esparsa, pode acarretar a não menos do que interpretações e deturpações grosseiras.

A democracia do porvir de Nietzsche, como vimos, ainda é algo a ser construído. Uma construção em *perspectivas*, inversamente proporcional ao constructo ciclópico da modernidade. Ademais, a ótica de Nietzsche não poderia ser outra senão direcionada a algo futuro, pois, como pode ser observado em HDH 177, é preciso tempo e condições favoráveis para que mesmo o *melhor* caminho possa ser traçado: “Devemos não apenas saber tocar bem, mas igualmente fazer com que nos ouçam bem. O violino, nas mãos do maior dos mestres, emite apenas um chiado, quando a sala é grande demais; pode-se então confundir o mestre com um arranhador qualquer”. Nesse sentido, mesmo a música e o músico virtuoso e habilidoso, passariam despercebidos perante uma plateia ainda não preparada para *ouvir bem*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político – uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BARRENECHEA, M. A. A guerra e a ‘grande política’ na interpretação de Nietzsche In: PASCHOAL, A. E. e FREZZATTI, W. A. (org.). *120 anos de Para a genealogia da moral*. Ijuí: Unijuí, 2008, p. 159-176.

GOICOCHEA, Diego Paredes. *La crítica de Nietzsche a la democracia*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2009a.

---

<sup>38</sup> “Cabe destacar que Nietzsche não é um pensador político *stricto sensu*, tal como Platão, Maquiavel, Hegel, Marx etc. Ele não pretendeu formular um novo modelo de estado, que promovesse uma revolução de todas as instituições, resultando em uma drástica transformação de todo o seu funcionamento. Ele é um pensador político num sentido amplo, uma vez que a sua proposta é essencialmente ética e educativa; ele visa à transformação dos valores e da educação da humanidade”. Cf. BARRENECHEA, M. A. *A guerra e a ‘grande política’ na interpretação de Nietzsche*, 2008, p. 164.

LEMM, Vanessa. *Nietzsche's Animal Philosophy. Cultura, Politics, and the Animality of the Human Being*. New York: Fordham University Press, 2009b.

MOREIRA, Antônio R. S. *Nietzsche: o Ressentimento e a transmutação escrava da moral*. Argumentos, Ano 2, n. 3, 2010.

NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*, volume II. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – 1ªed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

ROSSI, M. A. *Nietzsche: esboços de um perspectivismo político*. Cadernos Nietzsche 18, 2005, p. 7-35.

TONGEREN, Paul van. *A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre 'Para além de bem e mal'*. Trad. Jorge Viesenteiner, Curitiba: Champagnat, 2012.

VIESENTEINER, Jorge L. *A grande política em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 2006.